Capítulo

06

Desafios educacionais pós-pandemia na prática docente: entre polarizações políticas, negacionismo científico e a revolução industrial da inteligência artificial

Post-pandemic educational challenges in teaching practice: between political polarizations, scientific denialism, and the industrial revolution of artificial intelligence

Guilherme Afonso Pereira Palacios

RESUMO

No contexto pós-covid-19, a escola desempenha um papel crucial na formação do indivíduo, buscando promover competências e habilidades nos educandos. O ensino remoto, como resposta à pandemia, impactou a dinâmica educacional ao longo de dois anos. O retorno às aulas presenciais trouxe desafios, evidenciando uma alteração na relação de ensino-aprendizagem e na formação dos jovens. Questões sociais adormecidas, como intolerância religiosa e discriminação, emergiram, refletindo a bagagem cultural dos alunos. A polarização de posições idiossincráticas, intensificada nas redes sociais, não só desafia a missão educacional, mas ressalta a importância de abordar aspectos sociais e culturais na formação dos jovens. Este ensaio destaca a relevância política diante dos desafios educacionais pós-pandemia, sublinhando a polarização, especialmente no que diz respeito à ciência. A discussão sobre o papel do professor torna-se crucial, temendo-se sua substituição na nova Revolução Industrial impulsionada pela inteligência artificial. Isso suscita questionamentos sobre a Nova Ordem Mundial e a necessidade de uma abordagem holística para enfrentar dilemas complexos. O retorno às aulas em um contexto pós-pandêmico destaca a influência do passado e das experiências na

DOI: 10.47573/aya.5379.2.280.6

percepção das crianças em relação à escola. O brincar, considerado uma atividade terapêutica, possibilita que a criança supere situações traumáticas, enquanto o brinquedo, como objeto carregado de significados, condensa a história individual da criança. Diante da influência do convívio familiar e das redes sociais, evidenciada no retorno às aulas, percebemos a complexidade das percepções individuais em um mundo pós-pandêmico. A educação enfrenta desafios emergentes, tanto educacionais quanto sociais, neste cenário.

Palavras-chave: pós-covid-19; educação pós-pandemia; desafios educacionais.

ABSTRACT

In the post-covid-19 context, schools play a crucial role in shaping individuals, aiming to foster competencies and skills in students. Remote learning, as a response to the pandemic, impacted the educational dynamics over two years. The return to in-person classes brought challenges, revealing a shift in the teaching-learning relationship and the formation of young minds. Dormant social issues such as religious intolerance and discrimination emerged, reflecting the cultural baggage of students. The intensification of idiosyncratic positions, notably on social media, not only challenges the educational mission but underscores the importance of addressing social and cultural aspects in youth development. This essay highlights the political relevance in the face of post-pandemic educational challenges, emphasizing polarization, particularly regarding science. The discussion on the role of teachers becomes crucial, with concerns about their potential replacement in the new Industrial Revolution propelled by artificial intelligence. This raises questions about the New World Order and the need for a holistic approach to tackle complex dilemmas. The return to classes in a post-pandemic context emphasizes the influence of the past and experiences on children's perceptions of school. Play, considered a therapeutic activity, allows children to overcome traumatic situations, while toys, laden with meanings, encapsulate an individual's history. Amid the influence of family life and social media, as evidenced in the return to classes, the complexity of individual perceptions in a post-pandemic world becomes apparent. Education faces emerging challenges, both educational and social, in this scenario.

Keywords: post-covid-19; post-pandemic education; educational challenges.

INTRODUÇÃO

Considerando a escola como responsável por uma parte significativa da formação do ser humano, o trabalho pedagógico na instituição escolar tem como objetivo criar meios para promover competências e habilidades nos educandos que participam das atividades propostas pelo professor, seja em sala de aula ou no ensino à distância. Nos tempos atuais, vivenciamos uma nova realidade pós-covid-19, a qual impactou tanto de forma negativa quanto positiva na maneira como enfrentamos as diversidades e obstáculos da vida em sociedade, especialmente no que diz respeito à intimidade, as famílias passaram a compartilhar mais tempo juntas, vivenciando situações mais próximas e intensas que o isolamento, como medida preventiva, trouxe para os núcleos familiares. O ensino remoto emergiu como uma alternativa para dar continuidade ao processo de escolarização durante a pandemia mundial. Fomos obrigados a adaptar nossa vida cotidiana diante do isolamento social e do risco de contrair uma doença desconhecida que poderia levar à morte.

Diante da preocupação em relação à identidade da escola neste novo cenário que nos foi apresentado e diante das nossas aspirações para a educação, surgiram desafios significativos no retorno às aulas para crianças e adolescentes que anteriormente estavam envolvidos no ensino remoto, o qual perdurou por cerca de dois anos. Esses espaços escolares são distintos do convívio familiar e são concebidos para construir e promover, nos educandos, seus próprios conhecimentos e habilidades, por meio de estímulos ou facilitações nas mediações da figura do professor como um adulto formador das novas gerações.

Infelizmente, observou-se uma mudança significativa na dinâmica da relação de ensino-aprendizagem e em seus objetivos de formação e preparo de jovens para a sociedade. Os alunos retornaram com uma carga cultural muito semelhante à de suas famílias e ao ambiente social ao qual pertenciam. Questões que antes pareciam estar adormecidas emergiram, e manifestações de intolerância religiosa, discriminação de gênero ou etnia, que esperávamos ter superado, tornaram-se aspectos proeminentes na formação do núcleo familiar.

A polarização na tomada de posições idiossincráticas ficou evidente no retorno às aulas pós-pandemia. Esta nova realidade desafia não apenas a missão educacional da escola, mas também destaca a necessidade premente de abordar questões sociais e culturais que permeiam a formação dos jovens, promovendo um ambiente escolar inclusivo e respeitoso.

O presente ensaio de reflexão sobre a prática docente, um processo crítico e contínuo, adquire relevância em um contexto político ao enfrentarmos os desafios educacionais pós-pandemia, especialmente diante da presença de pessoas que adotam uma postura negacionista em relação à ciência. Nesse cenário, a polarização se intensifica nas redes sociais, enquanto o avanço da inteligência artificial promove uma transformação profunda na sociedade que conhecemos.

A discussão sobre o papel do professor torna-se crucial, pois há o temor de que ele possa ser substituído nessa nova Revolução Industrial, caracterizada pelo avanço tecnológico. Esse processo, por sua vez, poderia resultar na supressão de postos de trabalho, gerando um discurso de empreendedorismo como estratégia para prosperar diante desse novo cenário, muitas vezes considerado como a Nova Ordem Mundial.

Assim, o ensaio destaca não apenas os desafios educacionais imediatos, mas também a interseção desses desafios com questões políticas, tecnológicas e sociais mais amplas, ressaltando a necessidade de uma abordagem holística para enfrentar os complexos dilemas que se apresentam na sociedade.

REGRESSO ÀS AULAS EM UM CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO

> As crianças não chegam isentas à escola. Elas trazem no pensamento, nas emoções ou na forma de brincar a maneira como foram olhadas e percebidas pelos outros.
>
> Ao brincar, a criança não se situa apenas no momento presente; mas, também, no seu passado e no seu futuro. O brincar, como atividade terapêutica, possibilita que

> a criança supere a situação traumática. É simbolizando, falando e representando os conteúdos que a perturbaram que ela pode nomear e conhecer melhor as situações, ideias, pessoas e coisas.
>
> O brinquedo - da mesma forma que o brincar - não é um objeto neutro, pois condensa a história da criança com outros objetos (Mrech, 1999, p.112).

A "posição idiossincrática" ou "atitude idiossincrática" refere-se a uma perspectiva ou postura única e particular de um indivíduo em relação a determinado assunto, que pode ser diferente da posição comum ou esperada, conforme convencionalmente aceito. Essa atitude idiossincrática é moldada pelas experiências, valores pessoais, educação e outras influências específicas de uma pessoa em seu convívio familiar ou pelas interações nas redes sociais durante o isolamento social.

Quando alguém adota uma posição idiossincrática em relação a algo, está expressando uma perspectiva singular e individual, muitas vezes divergente das opiniões predominantes ou convencionais que a sociedade tenta superar como desafio diante das adversidades. Essas posições podem ser moldadas por fatores únicos que caracterizam a personalidade e a história de vida de cada indivíduo, os quais foram impactados durante a pandemia.

No retorno às aulas, voltamos fragilizados em todos os sentidos, marcados pela perda de entes queridos, empregos, pela alteração da vida em sociedade e das relações que atuam como sistema impulsionador de uma trama lúdica, gerando expectativas futuras para conferir um sentido de existência às pessoas envolvidas nesse cenário. Ao assumir identidades e papéis sociais histórico-culturais, enfrentamos uma reconstrução delicada, pois a pandemia deixou suas marcas profundas não apenas nas estruturas sociais, mas também nas experiências individuais de cada membro dessa comunidade educacional.

Os papéis sociais assemelham-se a um jogo de aspectos lúdicos, proporcionando o desenvolvimento do raciocínio lógico e abstrato. As emoções desempenham um papel fundamental na afetividade, ampliando subjetivamente o potencial de aprendizagem nas interações que vão do âmbito individual à socialização com outras crianças, adolescentes, professores e a comunidade escolar como um todo. Essa dinâmica favorece não apenas o crescimento intelectual, mas também o desenvolvimento emocional e social dos envolvidos no contexto educacional (Wallon, 1968).

O professor na educação desempenha um papel crucial ao contribuir para a formação de atitudes sociais, tais como respeito mútuo, cooperação, construção de relações sociais e interação professor-aluno (Brougère, 1998, 2004).

Essa contribuição ocorre de maneira complementar aos valores familiares, sendo o educador um agente importante na promoção não apenas do conhecimento acadêmico, mas também do desenvolvimento social, emocional e ético dos alunos. Ao fomentar a construção de um ambiente educacional que valoriza tais atitudes, o professor desempenha um papel significativo na preparação dos estudantes[1] para participarem de maneira positiva e construtiva na sociedade.

---

1 O "aluno" geralmente se preocupa apenas com a nota, estuda de última hora e faz as atividades sem muita atenção. Em contrapartida, o "estudante" é motivado pela curiosidade, participa ativamente das aulas, faz perguntas, questiona conceitos e busca conhecimentos adicionais, indo além do que é explicado pelo professor. O estudante está mais engajado e comprometido com o processo de aprendizagem.

Um passo em direção à transformação da sociedade frequentemente começa com a criatividade, quebrando conceitos bem estabelecidos e didatizados em livros escolares. Em momentos de insanidade ou lucidez, surge a oportunidade de descobrir novas maneiras de resolver nossos problemas. Um artista ao iniciar uma pintura, por vezes, não tem a noção clara do que irá retratar na tela, aguardando a inspiração.

No seu inconsciente, ele formula uma pergunta: "O que irei pintar?" Com o tempo, essa pergunta será respondida de maneira quase mágica, e a inspiração toma conta da mente do artista que começa a se materializar nos esboços de sua obra. Diante da tela, utilizando suas técnicas aprendidas ou experimentadas, ele dá início aos esboços, e num êxtase de cores, o quadro imaginado pela sua mente criativa e considerada por vezes insana ou brilhante surge para composição da arte.

A obra de arte então aguarda a aprovação dos outros que a observarão, criticarão, refletirão e indagarão sobre ela, formulando um conceito semiótico para conferir um valor artístico. No entanto, essa aceitação pode ser facilitada se o artista já está consagrado, se suas obras são reconhecidas, ou se ele possui meios e recursos para financiar e auto promover a arte criada. Nesse processo destaca a importância não apenas da criação, mas também do contexto, reconhecimento e promoção na apreciação da expressão artística na sociedade.

Em nossa realidade cotidiana, a criatividade na educação infantil ou educação fundamental pode ser percebida de maneiras diversas. Por vezes, encontra-se limitada por uma estrutura escolar que adota métodos de aprendizado convencionais, oferecendo conhecimento de maneira padronizada à sociedade. Isso pode resultar em um ambiente educacional engessado, onde a criatividade é subjugada em prol de uma abordagem mais estruturada.

A criatividade na educação também pode ser influenciada pelo sistema educacional, que pode ser delineado por um autor específico ou organizado por grupos educacionais com interesses distintos ou visões particulares sobre o processo educativo. Essas influências têm o potencial de moldar a forma como a criatividade possa ser incorporada no currículo, podendo variar desde abordagens mais tradicionais até métodos mais inovadores que promovem a expressão criativa e contribuem para ampliar o desenvolvimento de habilidades, incluindo a capacidade de resolver problemas.

Assim, a compreensão da criatividade na educação infantil e fundamental muitas vezes depende da flexibilidade e abertura do sistema educacional para explorar métodos mais dinâmicos, que incentivem a imaginação, a curiosidade e a inovação, permitindo que as crianças desenvolvam habilidades além do simples acúmulo de informações.

Por outro lado, o que sustenta a Educação Básica são as políticas e organizações baseadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96. Como pano de fundo, temos um Referencial Nacional para a Educação Infantil, que desempenhou um papel de suporte para a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que envolve 10 competências em sua estrutura, além das leis estaduais, municipais e deliberações normatizadoras que contribuem para estabelecer uma ordem que lida com a diversidade existente na sociedade.

Cada sistema de ensino gera uma realidade específica para sua clientela, seja em uma escola pública ou particular. A escola pública segue determinações políticas para atender a todos, enquanto a escola particular, muitas vezes, segue determinações de uma empresa educacional que atende a uma faixa específica de um estrato econômico-social. Essa diversidade de contextos educacionais reflete a complexidade do sistema educacional e a necessidade de adaptação às particularidades de cada comunidade, visando a promoção de uma educação que atenda às demandas específicas de cada grupo de alunos.

A criatividade significa muitas vezes como um último reduto de libertação e, simultaneamente, um terreno onde a discriminação pode ser desafiada. Nesse espaço, temos a capacidade de assumir identidades sem revelar completamente quem está por trás delas. Ao romper com conhecimentos estabelecidos e sair da zona de conforto, rebelamo-nos contra as expectativas de como deveríamos ser percebidos pelos outros. Esse ato de criação nos permite moldar algo para o bem ou para o mal.

Entretanto, ao avaliarmos nossa prática docente sob a luz das legislações pertinentes, é fundamental equilibrar a liberdade criativa com a responsabilidade ética. Devemos considerar como nossa expressão criativa se alinha com os princípios e diretrizes estabelecidos pelas normas educacionais. A criatividade não deve ser uma desculpa para transgredir limites éticos ou infringir leis.

Portanto, ao explorar a criatividade na prática docente, é crucial cultivar um ambiente que permita a expressão livre, mas que também esteja em conformidade com os valores éticos e as regulamentações educacionais vigentes. Isso assegura que a liberdade criativa seja exercida de maneira responsável e construtiva, contribuindo para um ambiente educacional enriquecedor e em conformidade com as normas estabelecidas em cada lugar e tempo.

O IMPACTO DO AMBIENTE ESCOLAR NA PRÁTICA DOCENTE

> Brincar com as palavras é ver significados ocultos a partir da linguagem e da ideação *normais;* é classificar as coisas de maneira diferente; é, simplesmente, imaginar. Se meninos e meninas já conscientes de si e de como se chamam, morrem de rir quando faço uma *chamada de nomes trocados (misturando* os nossos nomes e sobrenomes), é porque num cantinho da mente imaginaram esse estranho ser, que é metade *como* eles e metade *como* o colega ou a colega do qual lhes atribuo o sobrenome: há malícia, consciência e saber neste riso. E, se ao invés de uma repreensão comum, digo a alguém que é *o mais fedido do mundo* ou *a mais relaxada do mundo,* (parece-me que) o exagero conserva de alguma forma o conteúdo transmitido, mas além disso, se transmite um **efeito de distância** que inclui também imaginação e ironia. E se **toda** a comunicação entre mim e eles não passasse, enfim, de uma variante qualquer de brincadeira verbal, não acharia um sinal de decadência, mas de qualidade. Eu a persigo, de maneira *aleatória,* mas decidida (Russo, 2005, p.73) (grifo nosso).

O clima de seriedade e repressão pode impactar negativamente em crianças e adolescentes, criando obstáculos que reverberam na vida adulta. O medo de errar, muitas vezes gerado por um ambiente controlador, pode internalizar sentimentos de incapacidade em relação a determinadas atividades. Como professores, as formas de controle se manifestam de maneira explícita por meio de gestos e palavras. No entanto, é importante reconhecer que o silêncio ou a redução do ruído em sala de aula pode criar um ambiente

propício para o foco e a atenção, facilitando a promoção da aprendizagem.

Existem momentos em que será necessário romper com o silêncio para que se estabeleça laços afetivos com crianças ou adolescentes. A descontração muitas vezes requer ações que proporcionem prazer, como brincadeiras ou a não realização de atividades rotineiras. O ato de não seguir rigorosamente a rotina proposta pode ser interpretado como uma forma de rebeldia ou indisciplina, mas é importante compreender que, em certos momentos, essa expressão pode ser uma maneira legítima de expressar necessidades emocionais ou de buscar uma forma diferente de aprendizado.

Portanto, como educadores, é crucial equilibrar o controle necessário para manter a ordem na sala de aula com a sensibilidade para reconhecer e atender às necessidades emocionais dos alunos. Uma abordagem mais flexível e compreensiva pode contribuir para a construção de um ambiente escolar mais saudável e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

A prática docente, quando permeada pela criatividade, oferece um ambiente lúdico onde a expressão individual e a inovação podem florescer. Essa abordagem desafia as normas convencionais e propõe uma visão mais dinâmica da educação. Mas, é inegável que a conformidade legal faz parte da prática docente por ser uma diretriz que diminui abusos e autoritarismos do docente inconsequente. Questões éticas relacionadas a direitos dos alunos, diversidade e inclusão destacam-se como elementos centrais nesse cenário. A criatividade, apesar de seu potencial transformador, deve ser exercida de maneira responsável para evitar conflitos éticos e garantir um ambiente educacional seguro e equitativo.

Por isso, o desenvolvimento profissional contínuo tem sido uma ferramenta que promove a vitalidade da prática em sala de aula para professores que buscam aprimorar suas práticas, tanto inovadoras quanto em conformidade com as leis educacionais. Ao fortalecer essas habilidades, os educadores são capacitados a criar novas expectativas no exercício de sua profissão, onde a criatividade e a inovação educacional promovem uma educação dinâmica e responsável diante das idiossincrasias estudantis.

Criança, jogo e brincadeira são indissociáveis; suas fronteiras não existem. A metamorfose subjetiva e cultural de suas descobertas contribui para a leitura de um mundo que reproduz valores de uma sociedade construída em ilusões, destinadas a impulsionar as engrenagens da ordem social. Essa máquina invisível e intangível produz um sistema dinâmico ao qual aderimos e colaboramos para não ficarmos à margem de suas transformações.

> Há, portanto, um vínculo estrito entre a escrita e as formas de exercício do poder, pelo menos em dois sentidos. Em primeiro lugar, está o fato de que uma técnica tão poderosa será sempre, na sociedade de classes, desigualmente distribuída e desigualmente possuída. Quem mais domina as formas e os objetos da escrita e mais faz uso dela são os grupos que detêm o poder econômico e social. Em toda sua história, e até hoje, a escrita foi produzida e apropriada pelos grupos dominantes, ainda que sempre tenha havido também muitas formas de ruptura e de disputa.
>
> Em função dessa posse desigual, os processos de escrita e os objetos culturais a ela vinculados (seja porque nasceram dela, seja porque se transformaram ao se incorporarem a este modelo) ganham, principalmente nas formas hegemônicas de cultura, a feição e os valores daqueles grupos que a controlam, mesmo que haja

> expansão de certas formas de uso. A produção da arte, dos discursos jurídicos e morais, das normatizações de comportamento e de formas de compreender a vida, a própria expressão oral (que já é uma fala original, senão uma fala que se espelha nos modelos gramaticais normatizados nas práticas escritas), tudo isso comporta um viés de classe, de expressão de poder (Britto, 2005, p. 12-13).

Existe uma conexão intrínseca entre a escrita e as dinâmicas de poder. Primeiramente, ressalta-se que, em uma sociedade dividida por classes, o acesso e a posse da habilidade de escrita são desigualmente distribuídos. Os grupos detentores do poder econômico e social exercem maior domínio sobre as formas e os objetos da escrita, ao passo que as classes menos privilegiadas enfrentam uma desvantagem nesse contexto. Ao longo da história, a escrita tem sido predominantemente produzida e apropriada pelos grupos hegemônicos, embora tenham ocorrido resistências e disputas.

Essa disparidade na posse da escrita influencia profundamente os processos de escrita e os elementos culturais a ela associados. Nas formas culturais dominantes, os padrões e valores desses grupos de poder são predominantemente refletidos nos produtos da escrita, mesmo que haja algumas variações decorrentes de diferentes formas de utilização. A produção artística, os discursos legais e morais, as normas de conduta e as perspectivas sobre a vida, incluindo a expressão oral que se inspira nos modelos gramaticais estabelecidos pela escrita, todos carregam uma inclinação de classe e expressão de poder.

As novas formas de produção de padrões sociais surgem com o avanço das tecnologias, a escrita textual se tornou simbólica e a polarização ficou mais evidenciada quando a disputa pelo poder hegemônico se tornou um reflexo sem filtros sociais, o que contribui para a reprodução das hierarquias sociais, sendo um meio pelo qual os grupos dominantes moldam e perpetuam valores culturais e formas de compreender o mundo em detrimento das classes menos favorecidas.

Por meio de “fake news” nas plataformas digitais, há um explícito movimento de gerar a dominação das massas pela escrita e imagem, manipulando a opinião pública para uma polarização ideológica capaz de produzir idiossincrasias que afastam as pessoas dos saberes científicos, filosóficos e éticos essenciais para a construção de uma sociedade sustentável. Ao se concentrar em narrativas falsas e polarizadas, a população pode deixar de valorizar informações embasadas em evidências científicas e princípios éticos.

Por convergirem seus pensamentos e crenças ao encontrar um lugar de apoio, mesmo que seja criado por mentiras e toda forma de discriminação, as pessoas podem inadvertidamente fortalecer narrativas distorcidas que, em última instância, prejudicam a compreensão coletiva da verdade e perpetuam divisões sociais. Essa busca por comunidade e identificação pode, paradoxalmente, conduzir a um isolamento de perspectivas alternativas e reforçar ideias prejudiciais, limitando a capacidade de diálogo construtivo e compreensão mútua.

Integração tecnológica no contexto educacional

Qual o foco de trabalho dos profissionais de educação? Será que permanece no lúdico, nas brincadeiras, no cuidado, na atenção, na inclusão e a oferecer uma educação complementar a da família? Propriamente dito, ainda não se trata de uma escola no sentido de proporcionar uma progressão continuada (Barreto, 2005), na qual existem

conteúdos específicos destinados a desenvolver de maneira progressiva tanto a cognição quanto o aspecto emocional, baseados em habilidades específicas para orientar de forma individualizada o aprendizado do aluno ou aluna.

Na era da sociedade de informação, o processo aparente de termos facilidades proporcionadas pela tecnologia encobre outros meios de enxergarmos nosso mundo. Longe de sermos um artista que espera a inspiração, não temos mais tempo para o ócio e sonharmos acordados ao vermos as nuvens. Passou. O que era antes estruturado se liquefez e o tempo escapou de nossas vontades pessoais por sermos sujeitos socialmente dessa engrenagem sociopolítico-econômico agregando a religião doutrinária como aglutinador do sentido de vida.

Mas, nesse novo ambiente, de confusão e mudanças climáticas, de paradigmas sociais, o professor é visto como o feitor dos programas estruturados pelos dirigentes da educação, o coletivo prevalece sobre a subjetividade seguindo aos que conseguem chegar ao poder arbitrário de cada lugar a qual pertencemos. Na maior parte das pessoas se mostra uma máscara que aprendem a construir e blindar o verdadeiro **Eu**, interagem com os demais sem realmente se envolverem em seus problemas, a superficialidade constrói a nossa sociedade, como pudemos perceber durante a pandemia.

Na maioria das escolas públicas, tanto nas periferias quanto nos centros urbanos, encontramos crianças que, de modo geral, necessitam de uma instituição educacional acolhedora e promotora de igualdade. Essa igualdade se manifesta não apenas em oportunidades educacionais, mas também no tratamento dispensado, no acesso ao conhecimento e no reconhecimento do direito à diferença. Essas crianças estão vivenciando um momento único no desenvolvimento humano, que se estende da infância à adolescência, e é crucial que a escola desempenhe um papel fundamental em prepará-las para a vida em sociedade.

Nas escolas e na sociedade em geral, temos observado uma mudança significativa no padrão das brincadeiras, que agora tendem a ser mais individualizadas. O brincar livre, pode contribuir para aprendizagem, na escola formal não há um reconhecimento da importância do jogo como um veículo fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Essa desconexão, muitas vezes, limita a compreensão do potencial educativo do brincar e a capacidade de integrá-lo de maneira eficaz nos ambientes educacionais formais. Atualmente, defende-se a ideia de jogo educativo ou “gamificação” como uma abordagem que busca integrar a ludicidade ao processo de ensino-aprendizagem. Isso inclui a incorporação do uso de notebooks como ferramenta pedagógica, refletindo a integração na nova realidade gerada pela Tecnologia da Informação.

> É preciso enganar a criança para fazê-la trabalhar, sem que se dê conta realmente disso. Para a criança, o trabalho se assemelha, de maneira subjetiva, ao jogo, porém não se trata de um jogo, só guarda sua aparência (Brougère, 1998, p.55).

Essa transformação busca encontrar um equilíbrio entre a individualização das atividades lúdicas e a integração dessas práticas ao ambiente educacional, utilizando recursos tecnológicos de maneira eficiente para enriquecer a experiência de aprendizado, em outras palavras, o jogo tem um propósito educativo.

Um direcionamento dentro da perspectiva que destaca a importância de incorporar

elementos lúdicos no contexto educacional, reconhecendo que a criança e o adolescente podem ser estimulados a aprender de maneira mais efetiva quando a atividade se assemelha a um jogo, mesmo que a construção do jogo não seja estritamente caracterizada para tal abordagem pedagógica, ressalta a flexibilidade e a adaptabilidade do processo educativo.

O uso de notebooks como ferramenta pedagógica acrescenta uma dimensão tecnológica ao cenário educacional, possibilitando a integração de recursos digitais de forma lúdica e interativa. Essa abordagem busca equilibrar a seriedade do trabalho educacional com a natureza lúdica do brincar, reconhecendo a importância de proporcionar experiências educativas que sejam cativantes, envolventes e alinhadas com os avanços tecnológicos. O jogo educativo, nessa perspectiva, emerge como uma estratégia que utiliza a ludicidade de forma intencional, incluindo a utilização de notebooks, visando potencializar o processo de aprendizagem de maneira mais significativa e prazerosa.

Neste ponto de utilização dos notebooks, ou da sala de informática, surge a pergunta: O que utilizar de recursos do notebook? O que fazer nesse ambiente virtual?

O uso de recursos do notebook no ambiente educacional oferece uma ampla gama de possibilidades para enriquecer as experiências de aprendizagem em diversas áreas do saber, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Dentre os recursos disponíveis, seja no sistema operacional Windows ou Linux, destacam-se os aplicativos educacionais. Estes proporcionam jogos interativos, simulações e atividades específicas para o conteúdo curricular, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e envolvente. Além disso, plataformas educativas online podem ser exploradas para práticas alinhadas aos objetivos de ensino proporcionando aos educadores e estudantes uma extensa variedade de ferramentas colaborativas, materiais didáticos interativos e métodos de avaliação inovadores.

Na realidade das escolas, quando há acesso à internet, é comum a utilização da Plataforma Khan Academy, uma ferramenta educacional online gratuita fundada por Salman Khan em 2008. Assim, o docente pode complementar o seu ensino ao planejar aulas que utilizem os recursos desta plataforma, ou, ainda, em outras plataformas disponibilizadas em parcerias de pacotes de sistemas educacionais pagos, utilizando-os como recursos pedagógicos adicionais.

No âmbito da colaboração, ferramentas como Google Sala de Aula e Microsoft Teams são úteis para promover atividades conjuntas, permitindo a criação colaborativa de documentos, apresentações ou projetos. A comunicação entre os alunos também pode ser facilitada por meio de fóruns de discussão online, estimulando a troca de ideias e a construção coletiva de conhecimento.

Recursos multimídia, como vídeos educativos, podcasts e imagens, são valiosos para diversificar as abordagens de ensino. A criação de conteúdos audiovisuais pelos próprios alunos pode ser incentivada, promovendo a produção de vídeos ou apresentações como parte do processo educativo.

Simulações interativas e jogos educativos são recursos que podem ser integrados para ilustrar conceitos complexos de forma lúdica. Aulas virtuais ao vivo, webinars e palestras online de outras instituições oferecem oportunidades para interação em tempo

real e aprofundamento de discussões, enquanto a utilização de plataformas de avaliação online e a gamificação na avaliação podem motivar os alunos a se tornarem estudantes.

> Hoje, a maioria dos filósofos, sociólogos, etólogos e antropólogos concordam em compreender o desafiar os enigmas da vida e de construir um momento de entusiasmo e alegria na jogo como uma atividade que contém em si mesma o objetivo de dez da aprendizagem e da caminhada humana pela evolução biológica. Assim, brincar significa extrair da vida nenhuma outra finalidade que não seja ela mesma. Em síntese, o jogo é o melhor caminho de iniciação ao prazer estético, à descoberta da individualidade e a meditação individual (Antunes, *apud* Santos, 2000, p.38).

Os jogos desempenham funções cognitivas, afetivas e sociais que variam conforme o momento histórico e cultural das crianças, adolescentes e adultos, alternando-se com as brincadeiras de gerações passadas. Cada jogo engloba e exercita todos os aspectos constituintes do ser humano e, dependendo da ênfase, pode ser categorizado como: jogos lógicos, que desenvolvem o raciocínio; jogos afetivos, para estimular as emoções; e jogos sociais, facilitando a internalização de atitudes e comportamentos de um determinado grupo cultural.

Os recursos virtuais são comparáveis a brinquedos que estimulam a inteligência, permitindo que a criança ou adolescente solte a imaginação e desenvolva a criatividade. Ao mesmo tempo, proporcionam o exercício da concentração, da atenção e da afetividade, constituindo-se em ferramentas versáteis para o desenvolvimento holístico das habilidades e competências dos indivíduos.

Vale ressaltar que, em ambientes nos quais são utilizadas essas ferramentas, a monitoração deve ser constante, a fim de evitar o uso indevido e prevenir problemas de diversas ordens para a escola e sua comunidade. Ao lidar com os variados desafios enfrentados em sala de aula, que muitas vezes refletem aspectos da comunidade ou do desenvolvimento humano, como agressividade, bullying, carência afetiva, questões familiares, incertezas, marginalidade, sexualidade e violência (simbólica ou real), sendo imperativo que a escola adote uma abordagem proativa.

Por meio de uma maior aproximação entre a escola e a comunidade, temos a possibilidade de amenizar alguns desses problemas ou contornar situações vivenciadas em sala de aula. Essa colaboração pode desempenhar um papel crucial na formação da personalidade, desde a infância até a adolescência, impactando positivamente o processo de aprendizagem e ressignificando o sentido de vida para os estudantes.

Desafios e oportunidades: a dinâmica educacional no ambiente escolar

> Nossas crianças são produtos da sociedade na qual elas vivem. Isso é sempre verdade. Mais difícil seria provar que um contexto é mais condicionante ou normativo do que outro. Todos os são a seu modo e o que caracteriza o ser humano é que ele só pode ser produto de uma cultura particular, pois é produto de um longo processo de aprendizagem (Brougère, 2004, p.248).

Será que cada escola tem uma roupagem? Um jeito de ser internamente que difere das demais? O quanto podemos conhecer da realidade dentro da escola? A maioria dos docentes são concursados ou contratados temporariamente? Quais fatores são importantes dentro da escola para compreendermos a dinâmica da comunidade escolar?

Cada escola, de fato, possui sua própria identidade e características que a

distinguem das demais, cabe ao profissional da educação avaliar se esse ambiente de trabalho é adequado para a sua permanência quando pode escolher onde trabalhar.

A cultura escolar, em seu tempo, terá determinadas abordagens pedagógicas, de acordo com interesses das políticas internas de grupos responsáveis pelo seu funcionamento e financiamento, também, o corpo docente e discente, entre outros fatores, contribuem para moldar a roupagem singular de cada instituição de ensino. A compreensão dessa realidade dentro da escola pode ser desafiadora, mas vários elementos importantes podem ser considerados, refletindo suas nuances culturais internas que reverberam na dinâmica escolar.

A cultura compartilhada pelos membros da comunidade escolar, abrangendo valores, crenças, normas e tradições, exerce uma influência significativa na dinâmica interna, uma vez que há uma propensão a imitar comportamentos de outros membros para compor a coletividade. Autores como Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Jean Lave, Etienne Wenger, Lev Vygotsky e outros contribuem para a compreensão de que o ambiente social orienta o comportamento das pessoas na transmissão de valores e normas que sustentam a coesão social.

Esses autores destacam a importância da participação em comunidades como um elemento essencial para influenciar o aprendizado. Criar situações educativas dentro de um contexto social e cultural específico é crucial, pois isso reflete a maneira como os indivíduos percebem o mundo e desenvolvem suas funções psicológicas em interação com o ambiente. As referências a Bourdieu (1998), Vygotsky (1984, 1988, 1995) e outros reforçam a ideia de que as interações sociais moldam a experiência educacional e são fundamentais para a formação de valores e normas no ambiente escolar.

A liderança na escola é sutil, quem realmente coordena o trabalho dos docentes? Percebe-se que são os professores interessados em mudar a cara da escola, ou por interesses próprios, ou por pedidos por parte da gestão para que a escola cumpra um protocolo perante a supervisão que atende as diretrizes da agenda planejada pelas políticas públicas responsáveis pela escola. Claro que a coordenação desempenha um papel importante, sendo a articuladora das políticas educacionais com a realidade viável de ser implementada naquele local pertencente à comunidade escolar. Assim, nas escolas prevalece um fazer pedagógico direcionado por um corpo gestor que não pertence aquele lugar, ou que tem distância da realidade do chão da escola.

Nesse clima de seguir determinações, falar pouco e evitar expressar pensamentos, contribui-se para a construção de uma identidade escolar pouco democrática, na qual o professor não ocupa posição de destaque perante os demais, e suas opiniões e ideias são desconsideradas. Muitos acabam adotando o "voto do silêncio", restringindo-se às suas salas de aula para uma prática docente marcada pelo monólogo diante da gestão e de seus alunos e alunas, que ainda não se tornaram estudantes.

A síndrome de Burnout identificada por volta de 1970, e as crises de pânico no contexto escolar são questões sérias e complexas que afetam professores e alunos, impactando significativamente o ambiente educacional. Profissionais, especialmente os professores, são suscetíveis a esse fenômeno devido à falta de motivação profissional,

ao sentimento de impotência em sala de aula, à ausência de apoio dos superiores, às constantes avaliações externas de seu desempenho, à carga excessiva de trabalho e à escassez de tempo para atividades de lazer. A presença de crises de pânico, manifestadas por episódios intensos de ansiedade e medo, pode ocorrer em alunos devido a diversas razões, incluindo pressões acadêmicas, problemas sociais, bullying ou outros desafios emocionais.

O perfil do corpo docente constitui um elemento central na experiência educacional, envolvendo a formação acadêmica, experiência profissional e estilos de ensino. Esses aspectos impactam diretamente a qualidade do ensino oferecido. Na estrutura organizacional da escola, desde suas políticas internas até o sistema de gestão e as tomadas de decisão, desempenha um papel fundamental na determinação da dinâmica institucional. Uma relação construtiva, ainda que desafiadora, entre a escola e a comunidade circundante, bem como o envolvimento dos pais ou responsáveis, contribui significativamente para a criação de um ambiente educacional mais enriquecedor e democrático (Paro, 1997).

Além disso, os recursos disponíveis, como infraestrutura, tecnologia e biblioteca, desempenham um papel crucial na oferta de um ambiente propício ao aprendizado. As características do alunado, abrangendo diversidade socioeconômica, cultural e de aprendizado, exercem influência direta nas práticas pedagógicas e na abordagem educacional. Por fim, o tipo de contratação do corpo docente, seja majoritariamente composto por docentes concursados ou contratados temporariamente, pode afetar a estabilidade e continuidade no corpo docente, impactando a consistência do ensino oferecido pela instituição pública.

Na luta diária, o professor pode ver sua atuação comprometida por diversos fatores que desestimulam sua prática docente. Tais fatores incluem questões significativas relacionadas à valorização da profissão, como o baixo poder aquisitivo da remuneração, a falta de reconhecimento pela sociedade e autoridades educacionais, condições precárias de trabalho devido à falta de recursos e infraestrutura, bem como a ausência de apoio de colegas, da direção escolar e das autoridades, o que pode tornar a experiência profissional desafiadora.

Também, a indisciplina dos alunos e problemas de comportamento em sala de aula podem criar um ambiente difícil na relação ensino e aprendizagem. Por fim, a pressão por resultados cria expectativas irrealistas em relação ao desempenho dos alunos. As avaliações padronizadas externas podem gerar estresse ao responsabilizar o docente pelos resultados considerados inadequados para o nível de aprendizagem. E, os métodos de ensino considerados inovadores podem desmotivar os professores causando a falta de autonomia.

Além disso, a avaliação do docente, por vezes, tende a ser favorável ou tendenciosa em relação aos melhores professores que se alinham aos padrões arbitrários estabelecidos pela direção escolar, garantindo-lhes as melhores notas como profissionais da educação.

Esses são apenas alguns exemplos, e a interação de vários desses fatores pode contribuir para a desestabilização da atuação docente, afetando diretamente o bem-estar dos professores e, por conseguinte, o seu comprometimento com a profissão e na promoção de aprendizagens significativas.

> Independentemente de tudo o que possa ser dito acerca do ensino, poucos discordariam da ideia de que a natureza e as exigências da tarefa mudaram profundamente ao longo dos anos. Para melhor ou para o pior, ele já não é aquilo que era (Hargreaves, 1998).

Ao provocar o leitor com a frase: "para melhor ou para pior, ele (o ensino) já não é aquilo que era", Hargreaves propõe uma investigação sobre os efeitos das chamadas teses de "intensificação", que se referem aos desafios enfrentados pelos professores devido à intensificação do trabalho, considerando as crescentes demandas e responsabilidades. Além disso, destaca o conceito de "profissionalismo", que enfatiza a importância do desenvolvimento profissional contínuo para os professores, incentivando a aprendizagem ao longo da vida e a adaptação às mudanças.

O sistema de ensino foi estruturado como um espaço de fragmentação do conhecimento em disciplinas, estabelecendo normas sobre o processo de aprendizagem e o comportamento em sala de aula. Essa instituição não apenas reproduz os conhecimentos, mas também contribui para a produção de desigualdades sociais, legitimadas pelo corpo docente por meio de seus hábitos adquiridos na academia (Bourdieu, 1998).

No campo científico, aparentemente, há um ambiente que preza pela justiça e pelo mérito, desde o ensino fundamental até a pós-graduação, incentivando os alunos a se destacarem e alcançarem as melhores notas. Na educação infantil, essa lógica é sutilmente valorizada. Ao avaliarmos nosso trabalho nesse contexto, incorporamos subjetivamente nossas normas e valores construídos ao longo de nossa biografia pessoal.

Esse ritual de passagem, no qual o aluno aplicado reproduz com perfeição os modelos ensinados na teatralização retórica em sala de aula, reflete-se nas notas de avaliação que validam o conhecimento adquirido pelo aluno. Esse processo contribui para a percepção de justiça no campo científico, favorecendo os alunos aplicados e capazes de reproduzir esse conhecimento.

Compreender que a definição sobre o que é 'ensino' está intrinsecamente ligada ao modo como o professor define e cria expectativas quanto ao seu próprio papel profissional. Ao mesmo tempo, o professor vive os efeitos dos processos de intensificação em seu trabalho cotidiano, gerando angústias perante a complexidade do problema "Ensinar e aprender".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de uma escola acolhedora e inclusiva, todos os envolvidos participam, em menor ou maior grau, do processo de aprendizagem. Incorporar aspectos lúdicos no processo educativo não apenas torna a aprendizagem mais envolvente, mas também contribui para o desenvolvimento holístico dos alunos, promovendo o interesse, a criatividade e a resolução de problemas. Essa abordagem reconhece o potencial do brincar como uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional ao longo do ciclo de vida dos estudantes.

O desafio da prática docente exige uma práxis que vá além das teorias pedagógicas e se aproxime da realidade concreta encontrada em cada escola. Isso implica adotar uma

abordagem que reforce a ideia de uma prática docente colaborativa, em equipe, onde todos cultivam um "olhar" e uma "escuta" atentos ao sujeito da aprendizagem. O objetivo é compreender tanto o outro quanto a si mesmo como promotores de aprendizagens que contribuem para a formação da personalidade do estudante.

Para compreender mais profundamente esses fatores, é necessário realizar uma análise criteriosa e cuidadosa, envolvendo observação e vivência na escola, além de estabelecer um diálogo dialético com os membros da comunidade escolar. Esse processo possibilita encontrar soluções particulares para questões que, inicialmente, não possuem uma única resposta, mas sim diversas possibilidades de encaminhamento. Isso ocorre no contexto singular e dinâmico de construção da identidade da instituição de ensino, considerando seu contexto histórico-cultural e seu funcionamento interno.

Um fator que intensifica esses sentimentos de desmotivação, impotência e solidão é o fato de que, na maioria dos casos, os professores atuam de maneira independente dentro do ambiente escolar. Nas escolas, frequentemente ocorre o que é chamado de "colegialidade artificial", caracterizada por uma relação de trabalho restrita e vinculada ao controle da gestão escolar. Essa forma de colegialidade é frágil, pois não promove uma verdadeira cultura de colaboração e construção de conhecimento coletivo entre os professores.

Dentro de tantas contradições na busca de soluções para os problemas do cotidiano escolar, a escola possui uma qualidade e um significado que impacta na vida de seus estudantes. Eles estão em processo de desenvolvimento cognitivo e emocional, imersos no mundo concreto e subjetivo do descobrimento de um mundo envolvido por símbolos e conceitos, ao enfrentar uma rotina escolar que simula aproximações com o conhecimento científico. No letramento, decodificam parte de seus conceitos e significados para ressignificar ao interiorizar de sua maneira a leitura de mundo. Isso ocorre por meio de diversos saberes proporcionados na comunicação oferecida pelos professores em um fazer pedagógico criativo capaz de promover aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas Inteligências.** 8. ED. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BARRETTO, E.S.S. Os ciclos nas reformas do ensino obrigatório e seus resultados. **Cadernos de Pesquisa,** v. 35, n. 126, p. 659–688, set. 2005.

BOURDIEU, P. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, M. A. &

CATANI, A.(org.). **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1999. p.185-216.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 2.ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. MEC/SEF. **Referencial curricular para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, Giles. **Brinquedos e companhia.** São Paulo: Cortez, 2004.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HARGREAVES, Andy. **Os Professores em Tempos de Mudança.** O trabalho e a cultura dos professores na Idade Pós- Moderna. Lisboa: McGraw Hill, 1998.

MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo : Ática, 1997

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas**: falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007, p. 67-93.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente .** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_______, **Pensamento e linguagem.** Trad. Jéferson Luiz Camargo; ver. Téc. José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VYGOTSKY, L.S., LURIA, A.R. LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 5.ed. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.